

# EL CONFLICTO POLÍTICO: LO INNOMBRABLE DEL CONFLICTO PSÍQUICO

O CONFLITO POLÍTICO:  
A NATUREZA INOMINÁVEL  
DO CONFLITO PSÍQUICO

THE POLITICAL CONFLICT:  
THE UNNAMEABLE  
OF THE PSYCHIC CONFLICT

Liliana Messina Schwartz  
Sociedad Chilena de Psicoanálisis (ICHPA)  
ORCID: 0009-0007-5243-1389  
lilianapmessina@gmail.com.

Recibido: 27-10-2024  
Aceptado: 04-11-2024

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Messina Schwartz L. (2024) EL CONFLICTO POLÍTICO:  
LO INNOMBRABLE DEL CONFLICTO PSÍQUICO  
Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI: doi.org/Soza 10.60139/InterPsic/15.2.14  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# O CONFLITO POLÍTICO: A NATUREZA INOMINÁVEL DO CONFLITO PSÍQUICO<sup>1</sup>

1 Azocar, M.L., Casté, T. Soza, P. (2003) *El conflicto político: lo innombrable del conflicto psíquico*. Revista Gradiva (ICHPA), 4(2), 142-150.

Resenha realizada  
por Liliana Messina  
Schwartz<sup>2</sup>

2 Psicóloga e Dra. em Psicologia da Universidade do Chile. Psicanalista e Membro da Sociedade Chilena de Psicanálise ICHPA. Prática clínica psicanalítica de adultos e adolescentes. Professora Associada da Faculdade de Medicina Ocidental, Departamento de Pediatria e Cirurgia Infantil da Universidade do Chile. Supervisora de alunos em práticas e estágios. Secretária Geral, FLAPPSIP 2021-2023 e Membro da Diretoria da FLAPPSIP 2023-2025. Autora de artigos publicados em diversas revistas e capítulos de livros.

Autores: María Luisa Azocar, Teresa Casté e Pilar Soza

Ano: 2003

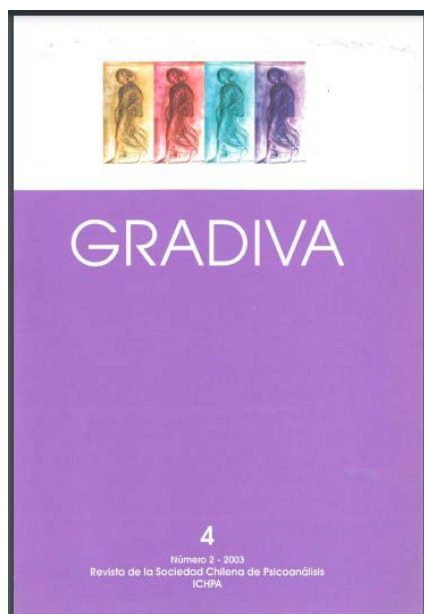
Editado por: Gradiva, Revista da Sociedade Chilena de Psicanálise ICHPA

A Pilar Soza, in memoriam

As autoras deste artigo María Luisa Azocar, Teresa Casté e Pilar Soza se reúnem para escrever este trabalho principalmente por um vínculo de amizade, por compartilhar um espaço de trabalho e ambientes teóricos semelhantes. Surge de uma proposta de Teresa Casté que trabalha, em outro artigo, os conceitos de Pichón Riviere sobre repressão política e repressão psíquica. O latente, neste autor, é entendido como aquilo que é impossível de ser pensado pela repressão exercida a partir do lugar de poder ou do discurso oficial, que reúne os efeitos do poder social no psiquismo individual. Este segundo conceito: discurso oficial, e o de "história oficial", também trabalhado por Piera Aulagnier, será central ao longo do artigo.

O artigo se constrói partindo do pressuposto de que "todos os recantos grupais e identidades coletivas, inclusive a família, geram discursos que em sua transmissão fazem versões interpretativas do que vivenciaram" (p.3). Esse discurso "oficial" compartilhado pelo grupo, a história da *história*, suprime necessariamente outras leituras do mesmo acontecimento, exigindo a repressão destas, repressão que inclui arestas, versões, interpretações, afetos, etc. relacionado ao evento, em todos os indivíduos com algum pertencimento a essa identidade coletiva.

As autoras cuidam de fazer uma leitura propriamente psicanalítica na análise da convergência entre o social e o individual, no político. Considerando que é no social/linguagem e no social/político que o indivíduo tem possibilidade de representação ou, precisamente, não a tem, quando isto é impedido pela repressão política. A "história oficial" que se impõe com uma história necessariamente lacunar, envolvida na salvaguarda dos interesses daqueles que a apoiam, reduz o acontecimento de incumbência social à condição de um luto pessoal.



Embora este artigo tenha sido escrito e publicado em 2013, é completamente atual, pois vemos que os discursos que circulam hoje continuam a abordar estas questões. No Simpósio FLAPPSIP *Sonhar um futuro é possível?* no último dia 14 de setembro, Silvia Alonso afirma, ao iniciar seu discurso de abertura, que “O sintoma se constrói nas interseções da história individual e dos laços sociais” (Silvia Alonso, 2024). Porque, tanto os discursos quanto os diagnósticos, embora possam ser nomeados da mesma forma que no passado (histeria, obsessão, perversão), vão adquirindo gradativamente características que os vinculam ao modo de vida de um determinado momento da história de uma sociedade. O modo de vida dos nossos jovens de hoje é evidentemente diferente daquilo que nós, nascidos no século passado, conhecíamos na nossa juventude, antes da massificação da era digital. Então, as depressões, os transtornos de personalidade e as perversões também serão diferentes? O que é comum aos tempos é o silenciamento dos horrores envolvidos nos conflitos sócio-políticos e nos traumas derivados transgeracionalmente (Fernández, I e Jeria, P., Congresso RedIPPOL, 2024).

No trabalho que analisamos, as autoras se perguntam até que ponto o conflito e a violência política, e especialmente aquela exercida pelas organizações no poder, podem ser ouvidas na prática psicanalítica, e quanto da repressão política pode ser ouvida como tal e diferenciada da repressão psíquica? Se considerarmos que evitar a dor é uma função básica e primitiva do psiquismo, não silenciar os efeitos da violência brutal é um exercício da vontade consciente e, portanto, um exercício político. Isto deve ser diferenciado do trabalho psicanalítico realizado sobre a repressão psíquica individual.

“Para Freud, a mais avassaladora das possibilidades de processamento psíquico de um conflito é a tentativa de deixar algo que já aconteceu sem suporte representacional. Deixar sem possibilidade de transcrição mesmo que seja apenas uma sinalização” afirmam as autoras (p.8). Tanto é assim que ouvimos falar do grupo denominado “Histórias desobedientes”, nascido na Argentina, em 2017, e com consequências no Chile, que agrupa filhos de genocidas que vêm falar publicamente contra seus pais (Histórias Desobedientes, 2017). Filhos que não suportam o silêncio e a repressão, provavelmente dentro das suas famílias e conseguem falar, mostram a sua desaprovação, desobediência e desprezo pelos pais. Pois, como sustenta o artigo, quando a rebelião contra a “história oficial” é silenciada, apenas o trauma e a luto pessoal podem ser admitidos. Quanta palavra deve ter sido gasta para resgatar essa repressão psíquica, essa repressão familiar, depois que a repressão política já não era mais uma consideração necessária.

Será o efeito do trabalho e da elaboração individual, equivalente ao que faz Rivera Letelier. Sua história é lembrada e recuperada neste artigo para mostrar o quão forte é a repressão política e como ela, por sua vez, produz a repressão psíquica. Rivera Letelier relata que somente quando,

já adulto e ouviu a Cantata Santa María, soube do massacre (o massacre ocorrido na escola Santa María de Iquique, em 21 de dezembro de 1907) ocorrido na época de seu pai, quando ele era criança e morava nos pampas pode ter ouvido os mineiros falarem sobre isso, mas nunca foi mencionado. A possibilidade de tradução em obra artística, canto-cantata; a pintura como Guernica ou um romance, dá a oportunidade de “sobreviver ao silêncio”; oferece palavras ou visualidade ao que está reprimido, quando o que aconteceu parece impossível de processar.

Algumas das conclusões do artigo assumem a seguinte forma: “de sermos reprimidos politicamente, de sermos submetidos à violência, fomos transformados em pessoas deprimidas? “Será esta uma hipótese possível sobre a relação entre repressão política e conflito psicológico?” (pág.6).

#### Referências

Fernández, I. e Jeria, P. (2024) Escuta, olhar e corpo. Após a violenta queda dos caminhos da representação. Vínculos e feridas naqueles e naquelas do depois. (Palestra no Congresso RedIPPOL, São Paulo, Brasil, 2024.)

Histórias Desobedientes

(<https://hacemosmemoria.org/2021/03/23/somos-hijos-de-genocidas-y-nos-venimos-a-pronunciar-en-contra-de-nuestros-padres/>)